

O que é que este autor tem? O romance entre presságios, maledicências e profanações

EDERSON LUÍS SILVEIRA*

Resumo

O presente trabalho parte de uma investigação descritiva de abordagem qualitativa em que se busca trazer contribuições acerca dos estudos do romance na contemporaneidade. Para isso, a apresentação dos recortes teóricos aqui mencionados visa o debate e o diálogo (por vezes entre tensionamentos) acerca do conceito “contemporâneo” e do romance na atualidade e de como ambos os conceitos podem trazer luz ao que os novos autores situados no século XXI estão escrevendo, sempre em consonância com o que os estudos sobre o tema evocam. Para apresentar modos de perceber a atualidade e a presença da multiplicidade de formas com que o romance pode se manifestar ancorados em estudiosos tais como Compagnon, Todorov e Orhan Pamuk, entre outros.

Palavras-chave: Romance; Contemporaneidade; Literatura.

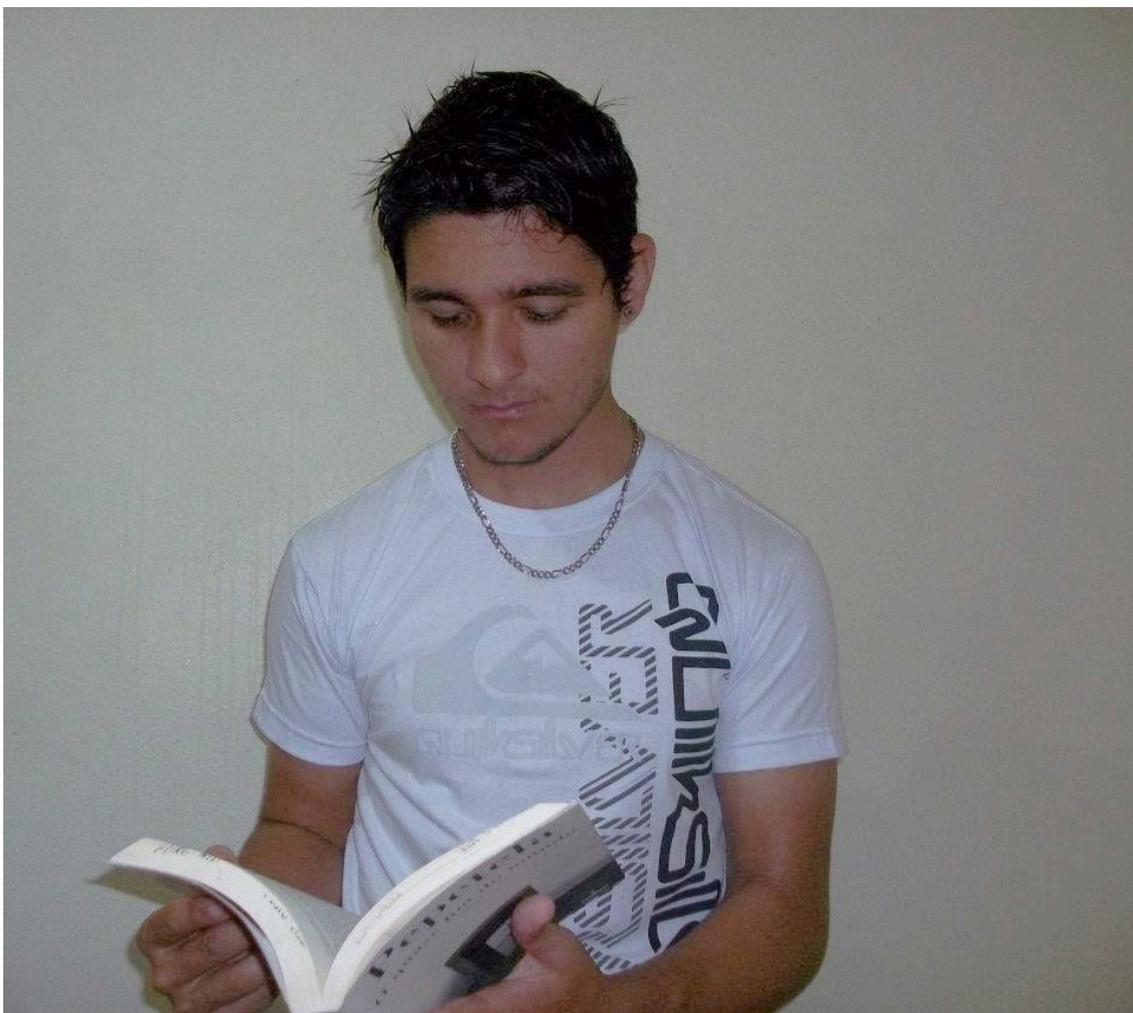
Abstract

This paper is part of a research using descriptive qualitative approach which seeks to bring about contributions of romance studies in contemporary times. To this end, the presentation of theoretical positions aim to open up the debate and dialogue (sometimes between competing positions) about contemporary concept about the concept of “contemporary” and romance today, as well as about how both concepts can bring light to what new authors in the 21st century are writing, always in line with the studies on the theme evokes. The aim of this essay is to focus on modes of perceiving both the present time and the presence of a multitude of ways the novel can manifest itself; this study is anchored in the writings of scholars such as Compagnon, Todorov and Orhan Pamuk, among others.

Key words: Romance; Contemporaneity; Literature.



* **EDERSON LUÍS SILVEIRA** é doutorando em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).



Fonte: autor

Apresentando o percurso...

As reflexões que aqui são propostas visam lançar luzes ao tema do romance na contemporaneidade. Para isso, partimos de um trabalho descritivo de abordagem qualitativa em que algumas questões (a incompletude é marca constituinte de todo ato de escrita) que busca enveredar-se no terreno dos tensionamentos, aproximações e possibilidades que o tema evoca. Cabe, portanto, trazer contribuições sobre o conceito de contemporâneo e para isso

mobilizamos as discussões de dois autores: Giorgio Agamben e Karl Eric Schollammer.

Em seguida, cabem algumas reflexões sobre o romance na contemporaneidade e a situação atual dos novos autores, que aparecem no bojo que destaca o grupo dos escritores atuais. Mobilizaremos então as palavras de outros estudiosos, como Compagnon, Todorov e Orhan Pamuk, entre outros. Não pretendemos aqui trazer reflexões exaustivas sobre este ou aquele tema, o que visamos é a

apresentação de contribuições, de (re)leituras a partir de nosso lugar de sujeitos reflexivos situados histórica e culturalmente na contemporaneidade, afetados pelas questões acima mencionadas.

Para isso cabe aqui acentuar que o diálogo entre os autores referidos anteriormente não visa esgotar a discussão, mas somar a outras que já foram realizadas e dialogar com escritas futuras, apresentando este texto não como um fim, mas a partir de sua incompletude para que, no encontro com os leitores possa ser desconstruído, problematizado, e continuado em outros momentos, não necessariamente pelos autores do presente trabalho. Torna-se, assim, um artigo em contínua abertura para a alteridade dos que leem, para que inspire problematizações e para que outros trabalhos possam emergir após leitura dos escritos que aqui se encontram.

A contemporaneidade (in)apreensível

Perguntar-me-ão: qual é a sua teoria? Responderei: nenhuma. E é isto que dá medo: gostariam de saber qual é a minha doutrina, a fé que é preciso abraçar ao longo deste livro. Estejam tranquilos, ou ainda mais preocupados. Eu não tenho fé – o *protervus* é sem fé e sem lei, é o eterno advogado do diabo, ou o diabo em pessoa [...]. A teoria da literatura é uma aprendizagem da não-ingenuidade. (COMPAGNON, 1999, pp. 23-24)

Debrucemo-nos sobre os efeitos produzidos pelas palavras de Compagnon (1999). Não há uma teoria que possa situar o autor acerca do assunto aqui vamos tratar. Tampouco certezas adquiridas que apaziguem as dúvidas sobre o tema. Os conceitos de

literatura e de contemporâneo não aparecem em um consenso entre os autores que se enveredaram na investigação de seus significados.

Muito pelo contrário, resta o caminho das reticências, da abertura a futuros significados possíveis. O contemporâneo, como bem advertiu Agamben (2009) pode vir a ser sempre outro e daí a dificuldade de classificação. O conceito de literatura não está na contramão disso, também ressoa a partir do mesmo lugar: incompletudes teóricas. São termos sobre os quais se atesta o contínuo deslocamento, “trata-se de resistir à alternativa autoritária entre a teoria e o senso comum, entre tudo ou nada, porque a verdade está sempre no entrelugar.” (COMPAGNON, 1999, p. 28)

Ao invés de tentar aqui expressar uma ideia do que seria a literatura trazemos as palavras de Compagnon que justificam nossa escolha. Em matéria de literatura, há sempre mudanças e o conceito sofreu tantas transformações quanto foram as épocas e sociedades que o delimitaram. Se na especificação do campo de estudos da teoria literária que precisava diferenciar-se de outros estudos, buscou-se a definição a partir do que seria literário em oposição ao que não seria, estas subdivisões vão tomando redirecionamentos com o passar dos anos e, ao invés de cairmos na tentação do relato extensivo sobre as formas como o conceito foi sendo descrito, ressaltamos aqui que “a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas.” (COMPAGNON, 1999, p. 32)

É preciso atentar para quem escreve, os modos como isso se dá e as sociedades e espaços pelos quais as obras literárias transitam e se deslocam e produzem reverberações que nunca são as mesmas em autores e leitores enquanto sujeitos singulares. Daí a necessidade contínua de reformulação. Isso não nos impede de teorizar em busca do sentido, na aventura de estar sempre no caminho do real (in)apreensível, em atitude hermenêutica que visa deslocar, desestruturar certezas, surpreender e abrir para outros sentidos.

Para Schollhammer (2009), falar sobre o conceito “contemporâneo” torna pertinente falar de sua distinção com o conceito de atualidade. Assim, a atualidade aponta para novidade atual e contemporâneo para aquilo que partilha “o mesmo tempo”. O que há, para o autor, é uma vontade de interação com temáticas de nosso tempo ao mesmo tempo em que se apresenta uma dificuldade que esta ambição implica.

Portanto, a ficção contemporânea não aponta necessariamente para uma ficção representativa de seu tempo, mas que aponta para a dificuldade do encontro com temáticas atuais e com essa relação com o tempo presente, sendo este sempre tempo que se esvai, nunca é o mesmo. Pensar o contemporâneo implica em pensar naquilo que se move, que escapa, que nunca é o mesmo e que se atualiza constantemente.

Dessa forma, a (re)atualização da importância da leitura de textos literários se expressa a partir de Todorov (2013) para quem a literatura desperta nos seres humanos a percepção de que eles não vivem em mundos individuais, mas numa pluralidade infinita, já que a ficção parte do gesto de contar as experiências

de cada um trazendo em si este precioso caráter de trazer, nos livros, a sabedoria de toda humanidade adquirida e partilhada com o passar do tempo.

Somando-se às palavras de Todorov temos a radicalidade do pensamento de Ricoeur (1994), cuja centralidade de sua obra se assenta sobre e pressuposto de que o tempo só se torna experiência humana através das narrativas. Neste contexto se insere então o romance desde o início, o advento do gênero até a contemporaneidade, em que ele resiste como forma entre formas (PAMUK, 2011), para falar de quem somos e a partir das conversas que a humanidade tece consigo mesma em espaços diferentes através dos tempos.

Ciente dos efeitos da literatura na sociedade, o crítico literário Todorov (2010) propõe uma abordagem sobre a literatura que remete à percepção das relações entre o leitor e a obra naquilo que ela pode dizer à sociedade, voltando-se mais para os sentidos que ela pode evocar e que podem ser continuamente ressignificados do que para conteúdos formais. Por exemplo, no capítulo intitulado “A literatura reduzida ao absurdo” o autor compara o ensino de literatura nas escolas como um edifício em que, terminada a construção deve se ver livre dos andaimes, já que importa mais o prédio, sua arquitetura e sua funcionalidade.

O que se percebe nas escolas, para onde se direciona a crítica do autor, é a manutenção dos andaimes e a transformação destes em objetos de estudo, espelhadas nas concepções formalistas e nas concepções niilistas do texto literário, onde ocorre a relativização das “verdades” contidas nos textos desvinculando-os da realidade

externa de quem as produziu. Ao invés disso, o autor propõe que o texto literário seja visto como produção inserida na sociedade e no tempo, na relação com outros textos e discursos, pois não foi por acaso que, com o passar dos anos, as fronteiras foram inconstantes e é preciso que isto seja levado em consideração. (TODOROV, 2010)

Para Todorov, a literatura tem muito a dizer sobre o ser humano e para o ser humano, porque ultrapassa as barreiras daquilo que pode ser censurado, revelando as singularidades de cada indivíduo enquanto particular e o encontro com a humanidade enquanto universal. Quando o espartilho das críticas baseadas na forma do texto, que não olham para o exterior, é aberto liberta-se assim o caráter humanista da literatura e reconhece-a como possibilidade de falar sobre o mundo, como aquilo que nunca termina de dizer o que tinha para dizer às gerações seguintes. (CALVINO, 1993).

Literaturas, romances e (des)continuidades

O escritor turco, Nobel de Literatura, Orhan Pamuk foi eleito pela revista *Prospect* como um dos 100 mais destacados intelectuais do mundo e pela *Time* como uma das 100 personalidades mais influentes, os milhões de exemplares vendidos em mais de 46 idiomas confirmam a argumentação do autor que discute em algumas palestras pelo mundo sobre o poder do romance ao longo da história e explica a razão para o destaque do gênero na atualidade. Para ele (PAMUK, 2011), o romance se consolidou enquanto gênero maior e tornou-se a principal maneira de comunicar a humanidade. Se somarmos

a esta colocação os dizeres de Ítalo Calvino (1993) para quem um clássico é aquilo que nunca terminou de dizer o que tinha para dizer, podemos semear pistas para o entendimento da importância do romance desde seus primórdios até a contemporaneidade.

Neste sentido, entre as experiências de leitura de Pamuk (2011), destacamos esta extraída de uma entrevista gravada em formato de vídeo para o evento “Fronteiras do Pensamento” ocorrido em 2011 no Salão de Atos da UFRGS, de Porto Alegre, um evento que reúne personalidades que se destacaram em diversas áreas no mundo inteiro para coloca-las em espaços de debate:

Na minha infância, eu lia romances não apenas para entender e desfrutar as histórias e as fantasias de outros, mas também para aprender sobre o mundo. Nesse sentido, romances são como enciclopédias para mim. Um romance lhe dá dois prazeres: um de desfrutar, entreter sua mente, sonhos de outros, histórias, e também explorar os problemas de outros, ver o mundo pelos olhos de outros e colocar-se na pele de outros.

Mobilizamos aqui as palavras do autor mencionado porque elas vão ao encontro com as problematizações acerca dos dizeres atuais que muitas vezes defendem a crise em relação à leitura de romances. Em relação a estas críticas, Pamuk afirma o contrário. Para ele, a ascensão de países emergentes ocasiona no aparecimento contínuo de leitores e escritores. Isso porque, para ele, o crescimento de nações emergentes (como Brasil, México, Turquia e China) traz o fortalecimento de identidades próprias, inspirando seus habitantes. Isso altera a correlação de forças na produção literária global repercute na ascensão de

outros tipos de leitores e autores. Assim, “o romance não está morrendo, pelo contrário, está crescendo com as novas classes emergentes.” (PAMUK, 2011).

Sobre os romances contemporâneos, podemos pronunciar-nos a partir de Pereira (2011, p.19) para quem “um olhar de relance aos escritores revela de imediato a diversidade, em termos de faixa etária, ano de estreia, volume ou regularidade de suas publicações, importância ou reconhecimento acadêmico e crítico”. Se em outros períodos da historiografia literária, houve períodos que organizavam estilos e autores a partir de temáticas ou do *modus operandi* de escrita, a contemporaneidade não parece necessariamente revelar alguma homogeneidade (ainda que não haja periodização isenta de exceções à regra) em relação aos escritores atuais.

No contexto da literatura brasileira, por exemplo, de acordo com Karl Erik Schollhammer (2009), no volume “Ficção brasileira contemporânea” há um capítulo intitulado “o realismo de novo”, que aparece na tentativa de compreender a heterogeneidade da prosa contemporânea, em que não se pode utilizar o termo “realismo” sem consequências drásticas, pois não se pode comparar os escritores contemporâneos “estilisticamente aos realistas do passado, pois não há nenhuma volta às técnicas da verossimilhança descritiva e da objetividade narrativa” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 53).

Dessa forma, antes de utilizar o termo “realismo” sem que haja equívocos no redirecionamento ao período literário anterior em que este elemento se apresentou nas obras escritas,

recorremos a Watt, que destaca que entre as prosas de Defoe, Richardson e Fielding e a produção anterior a eles não está situada no conteúdo narrativo, mas no modo de representação, já que “seu realismo não está na espécie de vida apresentada, e sim na maneira como é apresentada.” (WATT, 2007, p. 13). Ao utilizar o termo “realismo”, portanto, podemos apontar para o modo como são construídas as narrativas para representarem o mundo externo aos romances, o que não exige as multiplicidades possíveis da prosa contemporâneas que possibilitam a emergência de nomes e estilos díspares e singulares no mesmo espaço de tempo.

O que têm em comum os “ícones pop” Caetano Veloso e Chico Buarque com autores como Milton Hatoum, Rubens Figueiredo, Marçal Aquino, Bernardo Carvalho e Paulo Lins? O que os aproxima de autores como Rubem Fonseca, ou, ainda, Silviano Santiago e Sérgio Sant’Anna? Em comum eles têm a literatura, o fazer literário, e um público leitor que já não se espanta ao encontrar na mesma prateleira nomes aparentemente tão díspares, em um cenário literário que, cada vez mais, possibilita que autores como Marcelo Mirisola, Luiz Ruffato, Adriana Lisboa, André Sant’Anna e outros oriundos do grupo de fins dos anos 1990, por exemplo, convivam sem assombro com novos escritores como Santiago Nazarian, João Paulo Cuenca, Paloma Vidal, Joca Terron, ou, ainda, Clara Averbuck que, assim como Ana Maria Gonçalves, Ana Paula Maia e Daniel Galera, começou escrevendo em um *blog* e só posteriormente passou a integrar o universo das editoras. [...] Os novos meios de aproximação junto ao público leitor possibilitam uma

maior possibilidade de inserção, sem, contudo, garantir a permanência. Esta, como parece ser consenso entre os críticos atuais, ainda depende do talento e do apuro com que os escritores se dedicam à composição de sua obra que, independente de outros fatores, tem que primar pela qualidade, sob pena de cair no esquecimento com igual ou maior velocidade com que se deu a conhecer. (ALVES, 2012, p. 4-5)

O fato de ressaltar as possibilidades de narrativas da contemporaneidade não apenas engloba os modos de representação da realidade, mas considera inclusive a autoria de romances em prosa que nega a representação de alguma realidade a ser destacada através da ficção. Essa postura baseia-se na hipótese de que grande parte da produção de romances desenvolve-se “na absoluta ignorância do mundo e de sua transformação, no tranquilo desconhecimento da realidade”. (MAGRIS, 2009, p. 1027).

Para o autor Schollhammer (2009) essa heterogeneidade não deve ser percebida como problema, pois, não há porque falar a partir de traços homogeneizadores, quando há diferenças gritantes. Segundo ele, cada escritor desenvolve marcas próprias, como próprios são os diferentes formatos de realismo que podem ocorrer no período de mesmo nome e aquele que aparece, por exemplo, através da escrita performativa de Marcelino Freire ou do projeto autobiográfico e memorialista de Cristóvão Tezza.

Ainda segundo Schollhammer (2009) como temas que continuamente entram em cena nos romances contemporâneos temos o realismo, o regionalismo, o intimismo existencial e psicológico, a

experimentação linguística e a meta-literatura. Somando a estes temas, “talvez o *tema* mais evidente na cultura produzida no Brasil contemporâneo: a violência nas grandes cidades.” (RESENDE, 2008, p. 32). Este último tema não é recente e, com Rubem Fonseca teve destaque estendendo-se desde décadas anteriores até a atualidade com outros autores. O fato é que a violência presente em ficções como “Cidade de Deus” ou “Caradiru” revelam aquilo que Alfredo Bosi chamou de **brutalismo**, que tem cada vez mais se apresentado com marcas do excesso de representação ficcional. De acordo com Resende essa forma radical pode fazer muitas vezes que se corra o risco de “se tornar banal, perder o impacto, começar a produzir indiferença em vez de impacto” (RESENDE, 2008, p. 38) e é preciso atentar para estes riscos.

Levando em consideração o risco do excesso que faz as coisas perderem a força com que são produzidas inicialmente nos expectadores, reiteramos as palavras de Juremir Machado da Silva, para quem as coisas somem por excesso de exposição e não pela falta. Para o pensador, na atualidade, o bombardeio de informações recorrentes sobre os mesmos assuntos pode trazer a saturação das ideias e criar uma espécie de inércia que banaliza as informações com o passar do tempo, banalizando-as. Dessa forma,

[...] a crise da *mimèsis* [...] é uma crise do humanismo literário, e, ao final do século XX, a inocência não nos é mais permitida. Essa inocência relativa à *mimèsis* era ainda a de Georg Lukács, que se baseava na teoria marxista do reflexo para analisar o realismo como ascensão

do individualismo contra o idealismo. \ Em conflito com a ideologia da *mimèsis*, a teoria literária concebe, pois, o realismo não como um “reflexo” da realidade, mas como um discurso que tem suas regras e convenções como um código nem mais natural nem mais verdadeiro que os outros. (COMPAGNON, 1999, p. 107)

Em consonância a isso, Schollhammer elogia a obra “Cidade de Deus” de Paulo Lins, porque o resultado da obra “é admirável pelo seu fôlego e envergadura, pelo compromisso científico e afetivo com os temas ali presentes, e pelo esforço de expressão, no qual a crueldade da vida serve como potência poética à sua literatura.” (Schollhammer, 2009, p. 46). Portanto, mesmo em meio ao excesso de brutalismo, ainda existe a possibilidade de que o bom e o belo tenham lugar na estética literária contemporâneas. Isso pode ser percebido em relação aos romances de cunho histórico, que não se resumem a “retratar” realidades, ampliando perspectivas ao ficcionalizar outros universos em que ficção e realidade coexistem nas narrativas. Isso se deve ao fato de que o romance

[...] reinterpreta o fato histórico, lançando mão de uma série de artimanhas ficcionais, que vão desde a ambiguidade até a presença do fantástico, inventando situações, alterando fatos, deformando perspectivas, fazendo conviver personagens reais e fictícias, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias tintas, subtítulos e intertextos. [...] São textos que pretendem questionar a veracidade do discurso histórico e também se autoquestionar, dobrando-se sobre si mesmos, desmistificando a representação e

frisando a incapacidade de significar uma “verdade única”. (PELLEGRINI, 2001, pp. 60-61)

Justamente devido ao fato de, algumas vezes, os romances contemporâneos aparecerem (ou não) a partir de reformulações, não se tornaram totalmente diferentes dos formatos conhecidos, ora dialogando com eles, ora refratando as aproximações. Isso, para Schollhammer (2009), é a mola propulsora da (re) criação de estilos dos escritores contemporâneos que não têm receio de retornar às experiências anteriores, ainda que visem à reformulação de projetos e propostas.

No caminho das reticências

No presente trabalho visamos acender lâmpadas sobre o caminho das problematizações do romance na contemporaneidade. Levando em consideração as referências sobre o contemporâneo, sobre a literatura e suas contínuas movências e transformações ocorridas com o passar do tempo, este texto propôs-se à abertura de reflexões nos delimitadas pelo percurso investigativo de uma pesquisa descritiva de cunho interpretativo pode apresentar ao leitor.

O subtítulo do texto (abaixo do principal) articula-se com as discussões acerca da crise de leitores enquanto fenômeno cada vez mais assombra a contemporaneidade e conseqüentemente a isso a crise dos livros e dos romances, porém, a despeito disso (ainda que um dos autores mencionados na discussão discorde da crise de leitores de romances), temos escritores e temos leitores, pois os livros continuam a ser vendidos e a literatura continua aos poucos, por vezes tímida, noutras articulada a eventos como literários ou a

feiras de livro espalhadas mundo afora profanando essas maledicências quanto à falência da literatura. Cada vez mais a literatura dialoga com homens e entre homens (e mulheres) deste e de outros tempos, para resgatar angústias e diálogos que se sucedem na irrupção de (re)atualizações possíveis.

Procuramos aqui apresentar modos de perceber a atualidade e a presença da multiplicidade de formas com que o romance pode se manifestar ancorados em estudiosos que se debruçaram sobre o tema em diálogo e tensionamento entre os conteúdos aqui mencionados e as impressões do leitor. O texto se propõe ser uma experiência que vai além do texto, enquanto partilha democrática do pensamento que instiga novas e outras procuras e reflexões a partir da instauração da curiosidade do leitor, tonando-se assim, não apenas incompleto (como todo ato de escrita), mas uma ponte entre aqueles que escrevem e aqueles que leem. Que o texto seja descoberta e não apenas decifração, pois tensionamos aqui a escrita como convite ao diálogo (e mesmo à discordância, quando esta se fizer presente). Fora disso, não se pode falar em pesquisa, pois esta se reinventa a todo instante, partindo da experiência à (re)descoberta com outros caminhos, em olhares que nos levem a ver mais longe...

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é contemporâneo? e outros ensaios**. Trad.: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, Argos: 2009.

ALVES, Cristiane da Silva. Algumas breves considerações sobre a literatura brasileira contemporânea. In: JORNADA DA UFRGS DE

ESTUDOS LITERÁRIOS, 2., 2012, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2012. p. 01-07.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CALVINO, Ítalo. **Porque ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad.: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MAGRIS, Claudio. O romance é concebível sem o mundo moderno? In: MORETTI, Franco (Org.). **A cultura do romance**. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 1013-1028.

PAMUK, Orhan. **O romance do novo mundo**. [palestra] Porto Alegre: Salão de Atos da UFRGS, 5 de dezembro de 2011.

PELLEGRINI, Tânia. Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência. **Novos Rumos**, ano 16, nº 35, 2001, pp. 54-64.

PEREIRA, Helena Bonito. **Novas leituras da ficção brasileira no século XXI**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Biblioteca Nacional, 2008.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Vol. 1 Campinas: Papyrus, 1994.

SCHØLLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Teoria da literatura: textos dos formalistas russos**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

WATT, Ian. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Recebido em 2016-08-13

Publicado em 2017-05-04